

Construção da identidade por meio da literatura

Construction of identity through literature

Marcel Franco da Silva¹

RESUMO:

O presente artigo visa abordar sobre a importância da literatura para a formação e construção da identidade da criança, tendo com enfoque os pressupostos teóricos de Fanny Abramovich (1989). Além disso, procura estabelecer comparações entre textos literários voltados ao público infantojuvenil (SAINT-EXUPÉRY, 2015; MEDEIROS, 1994; DEFOE, 2011) que mostram como a criança pode interpretar as múltiplas realidades suscitadas pela leitura de uma obra de ficção. A pesquisa também evidencia brevemente sobre a história da Literatura Infantil, os “novos” escritores e o fenômeno da literatura nos últimos anos do século XXI. O estudo empreendido aqui deseja provocar a pesquisa acadêmica sobre os temas expostos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantojuvenil; Recepção literária; História da literatura infantil; “Novos” escritores; Tecnologias

¹ Graduado em Letras-Língua Portuguesa, UEPA; mestre em Ciências da Religião, UEPA; professor colaborador da Faculdade de Letras, Campus Universitário do Marajó/Breves, UFPA; membro do Grupo de Pesquisa “Estudos de Gênero e Raça”, EGERA, UFPA; ORCID: 0000-0002-9785-9625; E-mail: marcelpa@hotmail.com

ABSTRACT:

This article aims to address the importance of literature for the formation and construction of children's identity, focusing on the theoretical assumptions of Fanny Abramovich (1989). In addition, it seeks to establish comparisons between literary texts aimed at children and youth (SAINT-EXUPÉRY, 2015; MEDEIROS, 1994; DEFOE, 2011) that show how children can interpret the multiple realities raised by reading a work of fiction. The research also briefly highlights the history of Children's Literature, the "new" writers and the phenomenon of literature in the last years of the 21st century. The study undertaken here aims to provoke academic research on the exposed topics.

KEYWORDS: Children's literature; Literary reception; History of children's literature; "New" writers; Technologies

Palavras iniciais

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. (...). Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; (...). ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. (...). (FREIRE, 1997, p. 20).

Ler é caminhar num bosque exuberante captando uma nova impressão em cada folhagem. No processo de leitura entra em atividade os sentidos do corpo para a criação do imagético, a movimentação das ideias. Mas, por que lemos? Muitos fatores respondem a essa pergunta, entretanto devemos focalizar com demasiada importância a necessidade de conhecer e construir a nossa própria identidade para responder esse questionamento.

É na infância que o homem entra em contato e participa do *undiscovery country*², do mundo da ficção, tendo em vista a “descoberta da própria identidade, o que é fundamental para o crescimento.” (ABRAMOVICH, 1989, p. 134). A busca do próprio reflexo perdido, como é o caso do “patinho feio”, do conto de Hans Christian Andersen, e do eu lírico do poema *Retrato*, de Cecília Meireles (“Em que espelho ficou perdida a minha face?”), é um ideal que a criança conquista por meio da sua autodescoberta na leitura dos contos maravilhosos (os de fadas). Diante disso, a leitura dos clássicos infantis emerge como forma de superação de nossos medos e adversidades.

A literatura ajuda-nos a compreender a questão da perda, “de abandonos, de esquecimentos, de quem um dia foi significativo, marcante, mas que, por várias razões, até mesmo a morte, já não toca ou comove” (IDEM, p. 135). O conto maravilhoso vai além de sua dimensão estética e permite que a criança encare “as realidades dolorosas e domina medos instintivos”. (KLEIN *apud* ABERASTURY, 1982, p. 48). Quando o herói morre, conseqüentemente, ele é consagrado pelos seus atos de bravura e fica para sempre em nosso registro mnemônico.

A vida humana naturalmente apresenta perdas, mas o que é a perda senão uma busca, uma resignificação dos nossos valores e formas de entender o mundo social, que só é possível se buscarmos o diálogo com outros “eus” da narrativa, porque

² Em tradução, “país desconhecido”, citado em *Hamlet* (SHAKESPEARE, 1935) e, posteriormente no Capítulo XXIII do romance *Memórias Póstumas de Brás Cuba* e no poema machadiano *To be or not to be*, publicado na coletânea *Ocidentais* (1879-1880) (ASSIS, 1986).

na vida nós fazemos isso a cada passo: nós nos apreciamos do ponto de vista dos outros. [...] constantemente e intensamente nós observamos e apreendemos os reflexos de nossa vida no plano da consciência dos outros homens. (BAKHTIN *apud* TODOROV, 1981, p. 145).

Quando a criança lê uma obra, “um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor” (CERTEAU, 1994, p. 49) e, assim, ela é capaz de analisar a psiquê das personagens, de reconhecer as implicações sociais desses seres e de aprender a lidar com diversos problemas, tais como: traições, temores, infidelidades, rejeição, vingança, injustiça etc. (ABRAMOVICH, 1989).

A obra literária, indubitavelmente, exerce a função de mediadora da vida do leitor, para que ele alcance sua identidade. O indivíduo busca no “conto de fadas” um significado para a sua existência e aplica essa significação no mundo real. Eis aí então um paralelo entre mundos (imagético *versus* real), que possibilita a fuga do pragmatismo social pelo encantamento, pela magia, visando o ideal de felicidade (a maior busca do homem).

Então, para que o indivíduo possa formar a sua própria identidade ele precisa recriar a realidade e imaginá-la por meio da leitura do “conto de fadas” (IDEM, p. 138), porque “a vida [a realidade] só é possível reinventada” (MEIRELES, 2000, p. 48) e porque todos nós precisamos da mágica do sonho para viver.

A literatura no olhar da criança

É muito contraditório pensar que uma criança em seu primeiro contato com o universo literário deve pensar como um adulto. É, pois, um pensamento que o clássico texto literário de Antoine de Saint-Exupéry (2015) reflete:

Um dia, quando eu tinha seis anos, vi uma imagem linda num livro sobre a Floresta Virgem intitulado “Histórias vividas.” Era uma jiboia engolindo um bicho. Isto aqui é uma cópia do desenho.



O livro dizia: “As jiboias engolem a presa inteira, sem mastigar. Depois não conseguem mais se mexer e dormem durante os seis meses da digestão.”

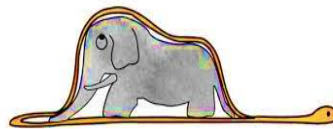
Então pensei muito sobre as aventuras na selva e também consegui fazer, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1. Era assim:



Mostrei minha obra-prima para pessoas adultas e perguntei a elas se o meu desenho dava medo.

Elas responderam: “Quem tem medo de um chapéu?”

Mas meu desenho não era um chapéu. Era uma jiboia digerindo um elefante. Então desenhei a jiboia por dentro, para que os adultos pudessem entender. Eles sempre precisam de explicações. Meu desenho número 2 era assim:



Os adultos me aconselharam então a esquecer os desenhos de jiboia, abertos ou fechados, e me interessar mais por geografia, história, aritmética e gramática. E então abandonei, com a idade de seis anos, uma promissora carreira de pintor. Fiquei desanimado com o fracasso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. Os adultos não entendem coisa nenhuma sozinhos, e é cansativo para as crianças ficar sempre explicando.

Então tive que escolher outra profissão, e aprendi a pilotar aviões. Voei para todas as partes do mundo. E a geografia realmente me ajudou muito. Sei distinguir a China do Arizona à primeira vista. O que é muito útil quando se está perdido de noite.

Por isso tive um monte de contatos, durante a minha vida toda, com um monte de gente séria. Convivi muito com os adultos. E os vi bem de perto. O que não melhorou muito a minha opinião.

Quando eu encontrava algum adulto que me parecia um pouquinho mais sagaz, fazia uma experiência com meu desenho número 1, que guardei para sempre. Queria saber se aquele adulto era realmente esperto. Mas eles sempre respondiam: “É um chapéu” Então eu não falava de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. E me colocava no mesmo plano que eles. Falava de baralho, de golfe, de política, de gravatas. E os adultos ficavam contentíssimos por conhecerem um homem tão sensato... (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 7-8). [ilustrações do autor].

À primeira vista devemos considerar o que diz o célebre filósofo Mario Sergio Cortella que “não nascemos prontos e acabados” (CORTELLA, 2006, p. 12) e que, conforme a sabedoria saintexuperyana, “os adultos não entendem coisa nenhuma sozinhos, e é cansativo para as crianças ficar sempre explicando” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 8).

Quando crianças (só as crianças?), muitas vezes diante da tensão provocada por algum desafio que exigia esforço (estudar, treinar, emagrecer etc.) ficávamos preocupados e irritados, sonhando e pensando: por que a gente não nasce pronto, sabendo todas as coisas? Bela e ingênua perspectiva. É fundamental não nascermos sabendo nem prontos; o ser que nasce sabendo não terá novidades, só reiteraões. (...). (CORTELLA, 2006, p. 12-13).

A mesma perspectiva de como a criança (re)significa, ao seu modo particular, o universo literário, é observável na prosa de Maria Lúcia Medeiros. Tomando, por exemplo, o conto *Chuvas e Trovoadas*, do livro *Zeus ou Menina e os Óculos* (1994), da referida autora, vemos as proezas que uma personagem menina realiza durante uma aula de costuras, realizada num ambiente hostil à expressão da imaginação pueril e concentrada na austeridade dos ensinamentos da professora que procura ensinar adolescentes a tornarem-se mulheres prendadas, responsáveis, do lar, com viés conservador repressivo. Mas a personagem menina do cabelo encaracolado resolve quebrar a seriedade do ofício e

(...) perdeu-se esquecida, agulha presa entre os dedos, olhos fixos no lustre resplandecente.

A professora ergueu os olhos por cima dos óculos. Mas a menina já estava de pé, braços abertos num longo espreguiçamento e, ligeira, atirou caixas e agulhas e linhas e dedal pra cima, pro alto, bem pro alto, esparramando pela sala dezenas de alfinetes e pedacinhos de renda que se foram alojar, num voo doido, por cima das meninas costureiras.

Na mão esquerda, a tesourinha ameaçadora que ela fincou sobre a mesa e virou as costas, rindo das caras assustadas das outras meninas. E abriu a porta.

— Merda! Que ela disse ainda, antes de mergulhar na chuva grossa que banhava ruas e calçadas.

Contam que as outras meninas acudiram a professora com água e açúcar. E que a aula acabou por ali mesmo. E que logo depois tocou o telefone e que a conversa não foi escutada por ninguém.

Só o gato enrolava-se nas pernas da professora. Contam, por fim, que a menina, filha de um professor de filosofia, passa as tardes devorando livros de

aventuras, contos de fada, lendas e mitos, sonhando com terras distantes. E que (já ia me esquecendo) anda apaixonada por um tal de Robinson Crusóé. (MEDEIROS, 1994, p. 78-79).

Evidentemente passamos a vista sobre o fato de a personagem menina ter lido as aventuras de *Robison Crusóé*, de Daniel Defoe (2011), que trata da história de um marinheiro náufrago numa ilha deserta em sua saga de construir, durante suas aventuras, uma contestação física e moral do mundo que ele abandonou. A leitura de Defoe nos olhos de uma criança pode se traduzir num ato reacionário ao mundo ditado pela pessoa adulta, uma viagem ao fantástico que o homem deixou no tempo da infância para viver as asperezas do pragmatismo mundano. Em suma,

A literatura, por ser arte, não possui finalidade prática. Ela não reproduz a camada mais imediata da vida, nem se fixa na superfície dos fenômenos da vida cotidiana. A literatura é força humanizadora que nos oferece a possibilidade de entrar em contato com as profundas contradições inerentes aos seres humanos, pouco perceptíveis na vida cotidiana. (RAMALHETE, 2020, p. 161).

Então para fugir do “cansaço” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 93), “da superfície dos fenômenos da vida cotidiana” (RAMALHETE, 2020, p. 161), é que a criança (re)elabora o seu próprio mundo e significações que o indivíduo adulto, muita vez, não se permite visitar por mais que a literatura venha a significar a “lembrança das solidões estreitas, simples, compridas, [que] são para nós experiências do espaço reconfortante, de um espaço que não deseja estender-se, mas que gostaria, sobretudo, de ser possuído mais uma vez.” (BACHELARD, 1993, p. 33). É preciso, pois, deixar os “futuros adultos” viajarem nesses espaços de solidão de leitura e interpretação pessoal, que são, sem dúvida, mais valiosos que o vivenciamento, ainda na infância, do mundo real cheio de perversidades, desigualdades e desumanidades.

A literatura infantil, os “novos” escritores e a tecnologia

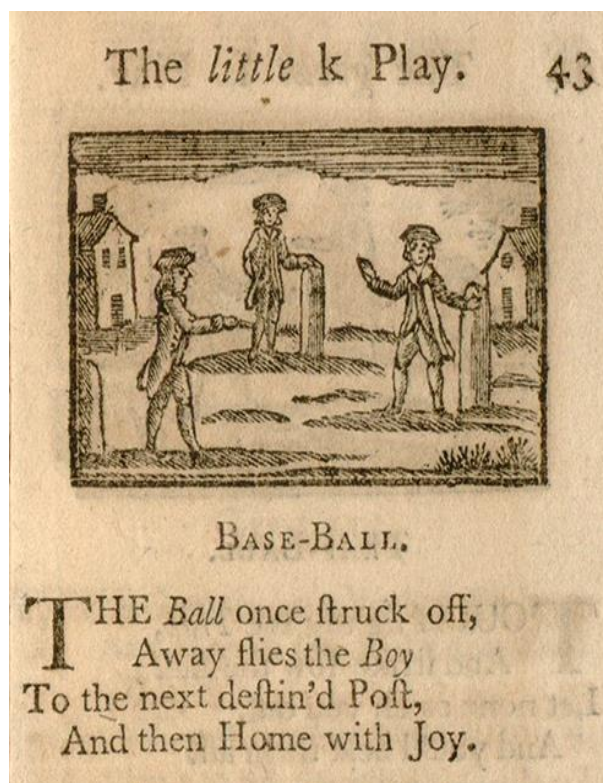


Ilustração 1 - Página do livro *A Little Pretty Pocket-book: Intended for the Instruction and Amusement of Little Master Tommy, and Pretty Miss Polly*, que é considerado o primeiro livro infantil, publicado por John Newbery em 1744 na Inglaterra³ (Foto: Reprodução). Desde Charles Perrault⁴ (1628-1703), John Newbery⁵ (1713-1767) e, no Brasil, Alberto Figueiredo Pimentel⁶ (1869-1914) e Monteiro Lobato⁷ (1882-1948), a literatura de expressão infantojuvenil veio sendo produzida por muitos escritores que assinalaram seu lugar na História da Literatura Infantil e no gosto das crianças ao longo do tempo.

³ Cf. *O primeiro livro infantil da história*. L&PM Blog, 2012. Disponível em: <https://www.lpm-blog.com.br/?p=14894>. Acesso em: 23 abr. 2022.

⁴ Escritor e poeta francês do século XVII que fez surgir um novo gênero literário, o conto de fadas, além de ter sido o primeiro a dar estrutura a esse tipo de literatura, o que lhe rendeu o título de "Pai da Literatura Infantil". As suas histórias mais conhecidas são *Le Petit Chaperon Rouge* (Chapeuzinho Vermelho), *La Belle au Bois Dormant* (A Bela Adormecida), *Le Maître Chat ou Le Chat Botté* (O Gato de Botas), *Cendrillon* ou *La Petite Pantoufle de Verre* (Cinderella), *La Barbe Bleue* (Barba Azul) e *Le Petit Poucet* (O Pequeno Polegar). (PERRAULT, 2004).

⁵ Editor britânico que, pela primeira vez, introduziu a literatura infanto-juvenil no mercado literário. Em honra de suas realizações na publicação de livros infantis, foi criado o prêmio Medalha Newbery. Oficialmente, considera-se o publicador da obra que deu origem à literatura infantojuvenil, intitulada *A Little Pretty Pocket-book: Intended for the Instruction and Amusement of Little Master Tommy, and Pretty Miss Polly* (Um lindo livrinho de bolso: destinado para a instrução e diversão do pequeno mestre Tommy e da linda senhorita Polly). O primeiro livro infantil do Ocidente que se tem notícia só foi publicado em 1744 na Inglaterra. (NEWBERY, 2006).

⁶ Romancista, cronista, diplomata, contista, poeta e jornalista brasileiro que fez a compilação de 61 contos populares de vários países, reunidos em *Contos da Carochinha* (PIMENTEL, 1958a), entre eles alguns de Charles Perrault, foi o primeiro livro infantil aparecido em português, em 1896. (IDEM, 1958b)

⁷ Escritor, ativista e tradutor brasileiro, considerado o “Pai da Literatura Infantojuvenil do Brasil”, publicou inúmeros livros voltado para crianças, dos quais destaca-se *O Saci* (1921), *Reinações de Narizinho* (1931), livro de fantasia e infantil que impulsionou o surgimento da série televisiva que seria protagonizada no *Sítio do Picapau Amarelo*. (LOBATO, 1918; 1993; 1994).

Obviamente, que a literatura de Monteiro Lobato foi um expoente na literatura brasileira infantil, mas os espaços à carreira literária foram cada vez mais tomando o protagonismo de “novos” autores, dos quais destaque-se o paranaense Aduino Kovalski da Silva, que com 5 anos, foi intitulado o mais jovem escritor do país. Lançou a obra *Aprender é Fácil*, em 2005, entrando para o Guinness World Records 2008 (O Livro dos Recordes Mundiais) na categoria “Jovens Realizadores”. Sua obra tem cunho didático e nela as crianças podem além de ler, desenhar, pintar e fazer atividades escolares.



Ilustração 2 – Capa do livro *Aprender é Fácil*, de Aduino Kovalski da Silva, publicado pela Gráfica Vicentina, em 2005⁸
(Foto: Adriana Justi/G1, 2013)

Assim como a Aduino Silva, sabemos que as crianças experimentam, ainda na formação escolar, o poder da escrita literária. É inconteste que elas são capazes de produzir e serem autoras das suas próprias, porque

(...) são artífices do novo, das ideias que ainda ninguém teve, das concepções que vão suplantar as que temos atualmente. Para tanto elas precisam ter uma formação livre e criativa, precisam saber lidar com a ambiguidade, precisam aprender a se expressar, precisam aprender a ter coragem de dizer a palavra nova, o pensamento que ainda nunca foi pensado. Neste aspecto, a literatura pode dar uma grande e insubstituível contribuição. (AZEVEDO, 2001, p. 28).

⁸ Cf. JUSTI, Adriana. *Menino de 13 anos reconhecido pelo Guinness é escritor, pintor e músico*. Notícia, Paraná RPC, G1 Paraná, 02/02/2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/02/menino-de-13-anos-reconhecido-pelo-guinness-e-escritor-pintor-e-musico.html>. Acesso em: 20 jul. 2022.

É bem verdade que muitos escritores têm se difundido em larga escala pelas mídias sociais (Websites, Blogs, Twitter, Facebook, Fanpages), tornando-se autores independentes⁹, lançando suas obras infantojuvenis nas plataformas comerciais da Amazon, Kindle, em formatos diversos (e-Pub, e-Book, e-Mobi) e para o fácil acesso e aquisição do público leitor.

O fenômeno da literatura na mídia social estreita a relação/recepção do leitor com autor, seja nos processos de venda, como de recepção crítica, graças à evolução tecnológica que permite o surgimento de novos escritores, novas produções voltadas para todos os tipos de público, principalmente o infantil que consome essas “novas produções”.

O historiador Roger Chartier aponta as três rupturas na “ordem do discurso” provocadas pelo computador: 1) a nova técnica de propagação da escrita; 2) a nova relação com os produtos textuais; 3) a imposição de uma nova forma de inscrição (CHARTIER, 2002, p. 23-24). Segundo o pesquisador,

A originalidade e a importância da revolução digital apoiam-se no fato de obrigar o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que o plasmaram, já que o mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o “livro unitário” e está alheio à materialidade do códex. (IDEM).

Ressalte-se, porém, que o uso da escrita ainda vigora nas páginas de papel impresso ainda que o leitor de telas eletrônicas possa estar distante do “livro unitário”, nota-se o trânsito entre as duas formas de publicação atual (física e eletrônica). O Brasil, no entanto, ainda está distante do abandono de um produto pelo outro, mas dá sinais que em níveis de produção literárias tem avançado com larga escala, o que corrobora para o surgimento de inúmeros livros infantojuvenis com muitos “seguidores” (como são denominados os leitores-consumidores nas mídias sociais).

A literatura com seus autores e leitores nas mídias sociais é tendência desde o avanço da tecnologia, mas espera-se que tais produtos e produtores possam servir para a construção e formação da identidade do público infantojuvenil que parecem multiplicarem-se todos os dias nesses meios digitais.

⁹ Sem a necessidade de buscar os serviços das editoras; muitos autores têm decidido pela auto publicação de suas obras literárias, encarregando-se eles próprios pelos processos de diagramação, aquisição de ISBN etc.

Considerações finais

A observação estabelecida nesta pesquisa tem por base os fundamentos de Fanny Abramovich (1989), os quais conduziram-nos à análise do texto literário na perspectiva infantil e que, conseqüentemente, permite-nos notar, ainda que sucintamente, o processo histórico dessa modalidade artística que se difundiu ao longo dos séculos.

A palavra vive e resiste nessa revolução da escrita que a todo minuto atrai “seguidores-leitores” nas mídias sociais e meios eletrônicos, nos quais o público leitor infantil se faz presente e se faz escrevente, também! O leitor da atualidade não é um mero receptor e repetidor¹⁰ de conteúdos; é alguém que participa ativamente nos processos de construção da literatura, com suas críticas, reivindicações e participações enquanto leitores-escritores.

Ainda que a academia não acompanhe permanentemente esses processos de produção e de leitura dos textos literários produzidos a cada minutos nas telas dos smartphones, tablets e computadores, é muito necessário observação desse fenômeno porque ele, certamente, contém elementos para pensarmos sobre uma teoria da literatura nas mídias sociais, observando, contudo, que o texto literário ajuda na construção de identidades e formação daqueles que futuramente ocuparão nossos espaços: as crianças!

Em última análise, é preciso despir-se do conceito de que os livros ilustrados são os mais interessantes para o público infantojuvenil, uma vez que sabemos da potência que as palavras têm na imaginação e na vida do ser humano, como bem reiterou o poema de Cecília Meireles: “Ai, palavras, ai, palavras,/ que estranha potência, a vossa!/ todo o sentido da vida/ principia à vossa porta” (MEIRELES, 1967, p. 560).

O livro será sempre uma porta ao imaginário que pulula na mentalidade das crianças, não somente à educação delas, mas que também as ajudam na superação das passagens de crescimento, possibilitando a passagem para a maturidade como um processo natural, autônomo, sem a interferência do pensamento de que o público infantil é “um vaso vazio que se deve encher”, mas sim como “uma força real, viva, ativa por si mesma que, desde o primeiro momento da sua existência age no sentido de um corpo orgânico sobre seu próprio

¹⁰ pois, “aprender a ler e a escrever não é decorar “bocados” de palavras para depois repeti-los”, como afirmou Paulo Freire (1989, p. 32).

desenvolvimento”, como bem observou Johann Heinrich Pestalozzi (2009, p. 160) e Paulo Freire¹¹.

Referências

ABERASTURY, Arminda. *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artmed, 1982.

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.

ANDERSEN, Hans Christian. *Contos de Andersen*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

MACHADO DE ASSIS. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. 3 volumes.

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje. *Releitura*, n. 15, Belo Horizonte, Biblioteca Infantil de Belo Horizonte, Maio, 2001, p. 26-28. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2021/revista_releitura_v15.pdf. Acesso em: 24 abr. 2022.

BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

CORTELLA, Mario Sergio. *Não nascemos prontos! Provocações filosóficas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoé*. Trad. Sergio Flaskman. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

¹¹ “a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes à maneira da educação ‘bancária’, mas um ato cognoscente. ... O antagonismo entre as duas concepções, uma, a ‘bancária’, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação.” (FREIRE, 2005, p. 78).

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados - Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

JUSTI, Adriana. Menino de 13 anos reconhecido pelo Guinness é escritor, pintor e músico. Notícia, Paraná *RPC, GI Paraná*, 02/02/2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/02/menino-de-13-anos-reconhecido-pelo-guinness-e-escritor-pintor-e-musico.html>. Acesso em: 20 jul. 2022.

LOBATO, MONTEIRO. *O picapau amarelo*. 34.ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *O Sacy-Pererê: resultados de um inquérito*. São Paulo: Secção de Obras de “O Estado de São Paulo”, 1918. (fac-símile).

_____. *Reinações de Narizinho*. 48. ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MEDEIROS, Maria Lúcia. *Zeus ou a menina e os óculos*. 2. ed. Belém: Supercores, 1994.

MEIRELES, Cecília. *Os melhores poemas de Cecília Meireles*. Seleção de Maria Fernanda. 12. ed. São Paulo: Global, 2000.

_____. Obra poética. 2. Ed. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967.

NEWBERY, John. *A Little Pretty Pocket-Book*. Carlisle, Massachusetts: Applewood Books, 2006.

O primeiro livro infantil da história. L&PM Editores, Blog, 2012. Disponível em: <https://www.lpm-blog.com.br/?p=14894>. Acesso em: 23 abr. 2022.

PERRAULT, Charles. *Histórias ou contos de outrora*. Trad. Renata Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2004

PESTALOZZI, Johann Heinrich. *Écrits sur la méthode*. Vol. III. Le Mont Sur Lausanne: Loisirs et Pédagogie. Plutarchius, 2009.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo. *Contos da Carochinha*. São Paulo: Quaresma, 1958a [1894].

_____. *Histórias da Avozinha*. São Paulo: Quaresma, 1958b [1896].

RAMALHETE, Mariana Passos. *O retrocesso empurra a porta: a literatura infantil e o Programa Conta pra Mim*. Caderno de Letras, Pelotas, n. 38, p.151-167, set-dez 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/19827>. Acesso em: 23 abr. 2022.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Trad. Ari Roitman. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

SHAKESPEARE, William. *The Complete Works of William Shakespeare*. Londres: Oxford University Press, 1935.

SILVA, Adauto Kovalski da. *Aprender é fácil*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 2005.

TODOROV, Tzvetan. Mikhail Bakhtine. *Le Principe Dialogique*. Suivi de Ecrits du sercle de Bakhtine. Paris: Seuil, 1981.

AUTOR: Marcel Franco da Silva

E-mail: marcelpa@hotmail.com

Orcid: 0000-0002-9785-9625

Recebido em: **25 abr. 2022**

Aprovado em: **29 jun. 2022**